

GENÍ APEDREJADA, MADALENA ARREPENDIDA E MARIA SANTIFICADA: RELAÇÕES ENTRE A MISOGINIA NO IMAGINÁRIO CRISTÃO E O RESPALDO IDEOLÓGICO NA PERPETUAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

GENÍ APEDREJADA, MADALENA ARREPENDIDA AND MARIA SANTIFICADA: RELATIONS BETWEEN THE IMAGINARY CHRISTIAN MISOGYNY AND THE BACKING IDEOLOGICAL PERPETUATION IN VIOLENCE AGAINST WOMEN

Anne Caroline Moraes de Assis

Mestre em Letras (UFC). Docente FAMETRO.

Bruno Gustavo Muneratto

Mestre em História Social da Cultura (UNESP). Docente FAMETRO.

RESUMO

No século XIII, houve uma grande valorização da maternidade, Maria triunfou como exemplo de mãe, de mulher. Porém, como Maria era um ideal a ser seguido, inatingível pelas mulheres comuns, essas eram muito mais representadas na figura de Maria Madalena, a pecadora arrependida, demonstrando que a salvação é possível para todos que abandonam uma vida pregressa, sendo ela o grande exemplo das vantagens da conversão. Essa ideia de inferioridade do feminino e da afronta à honra fálica, no caso do adultério, vem respaldando uma política de legitimação da violência contra a mulher seja ela doméstica ou sofrida em âmbito público que ecoa fortemente até nossos dias. Esse trabalho visa recolher alguns dados e propor reflexões acerca dessas problemáticas, valendo-se de três grandes mulheres recorrentes na nossa cultura: Maria, a mãe sem pecado; Madalena, a pecadora arrependida e Gení, a que é boa de cuspir.

Palavras-chave: Mulher. Idade média. Violência doméstica. Violência contra a mulher.

ABSTRACT

In the thirteenth century there was a great appreciation of motherhood. Mary triumphed as an example of mother, wife. However, as Mary was an ideal to be followed, unattainable by ordinary women, these were much more represented in the figure of Mary Magdalene, the repentant sinner, showing that salvation is possible for all who abandon a prior life, she is the great example of the advantages of translation. This idea of the inferiority of women and phallic affront to honor, in the case of adultery, is endorsing a policy of legitimizing violence against women be it domestic or suffered in public life that echoes strongly to this day. This work aims to collect data and propose some reflections on these issues, drawing on three major recurring in our culture women: Mary, the sinless mother, Magdalene, the repentant sinner and Genie, that is good to spit.

Keywords: Woman. Middle ages. Domestic violence. Violence against women.

Recebido em: 12/12/2013

Aceito em : 20/01/2014

1 FORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO MISÓGINO NO OCIDENTE MEDIEVAL: EVA, MARIA E MADALENA

A partir do século XII, com o culto mariano, calcado na maternidade divina, na virgindade, na imaculada concepção e na assunção, houve um redirecionamento da visão que se tinha da mulher. No século XIII, houve uma grande valorização da maternidade, Maria triunfou como mãe. Com base nesses dois dogmas ligados ao culto mariano, a castidade e a maternidade divina, construiu-se o ideal de santificação de Maria, a Imaculada Conceição, que concebeu sem pecado. Por esse estado de santidade, após sua morte ocorreu sua Assunção corporal ao Céu, afastando-a de toda corrupção, e, por conseguinte, da condição humana.

Na iconografia ela está mais próxima da humanidade por suas vestes e seu luto pela morte do filho, representa a virgindade, pois as virgens são consideradas mulheres perfeitas, tendo lugar ao lado dos santos no Paraíso, exaltando a superioridade da condição religiosa. Na terra são representadas pelas religiosas que fazem voto de castidade.

O culto à uma suposta “imaculada concepção” sequer foi pregado por Cristo, posto que não há passagens de seus registros que fale sobre isso. É algo muito mais ancestral, e sempre remetendo o ato de dar à luz e à iluminação em si, como no Egito em que Iris, sem qualquer intervenção sexual, concebe Hórus, deus solar, deus da luz. “Na Roma tardia temos a estranha transfiguração da antiga deusa persa Mitra no deus Sol *Invictus*, cujo em seu nascimento havia recebido uma visita de três reis-magos com ouro, mirra e incenso, comemorado no dia 25 de dezembro em muita festa da carne e do corpo” (CAMPBELL, 2004, p. 122), data que o cristianismo absorveu para contar sua versão da imaculada concepção: a dada entre Maria, o Espírito Santo (luz) e Jesus.

No caso de Maria, sua atuação nesse acontecimento permaneceria na condição de

figurante por praticamente dez séculos, pois os mitos romanos rapidamente sucumbiram ao cristianismo. Em 313 o culto a Cristo é permitido por Constantino no famoso *Edito de Milão* e em 380, numa atitude desesperada de salvar o império, Teodósio declara o Catolicismo como religião oficial de Roma com o *Edito de Tessalônica*. Foi frente a outro desafio pagão que a figura da Virgem foi requisitada.

Quando o paganismo celta mostrou-se o mais resistente, por ser o mais diverso e complexo, a Grande Mãe Celta, deusa da terra, maternidade e fertilidade que mantinham aqueles povos todos num franco regime matriarcal, cedeu lugar pouco a pouco à Virgem cristã. Onde antes, ao pé de um carvalho multissecular se cultuava a Grande Mãe, era erguida uma igreja e com sua madeira era esculpida uma estátua da outra mãe – a que concebeu Jesus. (FRANCO JÚNIOR, 2002, p. 44-45)

Há, então, um paulatino processo de substituição dos prismas pagãos em torno da mulher fértil, símbolo não só da maternidade, mas da fertilidade em si, pelos entendimentos de gênero cristãos, advindos não apenas de Maria, virgem, mas sobretudo de Eva, aquela que trouxe consigo a perdição do corpo e que sucumbiu perante à tentação da serpente. Inicia-se então exegeses que irão cada vez mais prostrar a figura feminina dentro de uma rotina opressora de seu gênero.

Segundo a historiadora Christiane Klaphish-Zuber, que no conjunto de sua obra nos apresenta amplo estudo sobre a questão do gênero na formação do imaginário ocidental, há uma grande responsabilidade dos exegetas no processo de compreensão geral de gênero. Ela nos aponta que:

Embora, ao longo dos séculos, a história da Tentação e da Queda tenha sido considerada constantemente alegada para justificar a dominação do homem sobre a mulher, a tradição patristica identifica noutra parte as raízes da inferioridade feminina e da negatividade do polo feminino. É verdade que *Gênesis* (3, 1-7) relata a sedução da serpente à qual a primeira mulher sucumbiu e, mais adiante, a maldição divina que a acometeu. No entanto, a responsabilidade de Eva continua sendo debatida: alguns raros teólogos medievais vão atribuir a Adão uma responsabilidade igual por não ter utilizado suas faculdades superiores como poderia ter feito. Mas o problema é justa-

mente este: por que, desde o paraíso terrestre, Eva se mostra inferior a Adão no entendimento e na vontade? De fato, mais do que a Tentação, foi a Criação que colocou, para a teologia medieval, os princípios de uma natureza feminina segunda e inferior e, portanto, subordinada. É preciso deter-se um pouco sobre a questão

O legado das Escrituras vem dos dois primeiros capítulos do *Gênesis*. Eles apontam duas versões diferentes da Criação. *Gênesis* 1, 26-27 mostra Deus decidindo fazer “o homem à nossa imagem e semelhança”, e criando “o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou homem e mulher”. O segundo relato (*Gênesis* 2, 21-24) conta a criação da mulher a partir da costela que Deus tirou de Adão adormecido, para lhe dar “uma auxiliar que lhe fosse semelhante”. Rapidamente, a exegese cristã “esqueceu” a primeira versão, que era, no entanto, considerada pela tradição judaica e por Filon de Alexandria, e que poderia ter alimentado uma interpretação igualitária das relações entre os sexos. Ela privilegiou ao contrário a segunda, sobre a qual se elaborou a teoria de uma subordinação natural da mulher (KLAPISCH-ZUBER, 2000, p. 147-148)

Essa então é a noção de que seguidas exegeses fundamentaram todo um discurso sobre o qual não se havia aparelhamento. Numa Europa majoritariamente analfabeta, as exegeses dos escritos em latim eram feitas (e manipuladas) pelos altos sacerdotes católicos, muito mais articuladores políticos do que religiosos. Dentro dessa teologia medieval, então, elabora-se a partir da figura de Eva, uma visão misógina original que, somada à condição única de Maria (a da imaculada concepção), reforça a condição de inferioridade feminina no processo de formação de um possível imaginário cristão ocidental.

Outra figura feminina que marca de forma extremamente interessante sua passagem na formação desse imaginário é Madalena. O episódio protagonizado por Maria Madalena garantiu à mulher o direito ao arrependimento, demonstrado pela prostração, pela humilhação e pelas lágrimas, em oposição ao possível poder de persuasão de Eva, que levou toda a humanidade ao pecado e, por isso, passou a ser considerada enganadora. Como consequência disso, a pregação feminina deveria ser sem palavras, feita apenas pela mortificação do corpo.

No Ocidente, o culto à Madalena surgiu na igreja de Vézelay, onde estariam enterrados os restos mortais da Santa. O abade do santu-

ário, Geoffroi (1037-1051), foi o difusor dessa ideia, no século XI. Em 1050 ele obteve a autorização para o culto à Madalena no mosteiro, e uma bula papal confirmou a existência dos restos mortais da santa naquela igreja em 1058.

Os escribas e fariseus trouxeram à sua presença uma mulher surpreendida em adultério, fazendo-a ficar de pé no meio de todos e disseram a Jesus: Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério. E na lei nos mandou Moisés que tais mulheres sejam apedrejadas; tu, pois, que dizes? Mas Jesus, inclinando-se escreveu na terra com o dedo. Como insistissem na pergunta, Jesus se levantou e lhes disse: aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra. E tornando a inclinar-se, continuou a escrever no chão. Mas, ouvindo eles esta resposta e acusados pela própria consciência, foram se retirando um por um, a começar pelos mais velhos até os últimos, ficando só Jesus e a mulher no meio onde estava. Erguendo-se Jesus e não vendo ninguém mais além da mulher, perguntou-lhe: mulher, onde estão teus acusadores? Ninguém te condenou? Respondeu ela, ninguém, Senhor! Então, lhe disse Jesus, nem Eu tampouco te condeno; vá e não peques mais. (Jo 8. 03-11).

A partir daí, surge a “teoria” da pecadora arrependida, demonstrando que a salvação é possível para todos os que abandonam uma vida cheia de pecados. Com essa imagem de mulher pecadora, que se arrepende e que segue o mestre até o Calvário, Maria Madalena veio mostrar que todos os pecantes são capazes de chegar a Deus.

Muitas passagens bíblicas fazem menção ao adultério, proibindo-o e condenando-o. O sétimo mandamento diz: “Não adulterarás” (Ex 20.14), entretanto, quando se fala nesse assunto, o que se sobressai mesmo é o adultério feminino, que valida a ideia, defendida pelos representantes da Igreja, de que as mulheres são mais suscetíveis ao pecado da luxúria, pecado feminino por excelência.

Outra história bíblica que versa sobre a traição é a de Davi e Bete-Seba que adulteraram e que não foram punidos, porque ele era rei. Porém Deus tirou a vida do filho deles. Vale salientar que pela lei dos homens e da Igreja isso não era prescrito como castigo para o adultério. A punição de Davi não atingiu diretamente o seu corpo, mas foi de outra

natureza: foi mais cruel, se levarmos em conta a relação pai e filho (varão), que simbolizava a descendência, importante para a época.

Essas narrativas ajudam-nos a compreender o caráter econômico que havia por trás do adultério. A diferença entre crime e pecado mostra-se, nos episódios citados, diretamente ligada à condição social dos adúlteros. Maria Madalena seria apedrejada até a morte, muito provavelmente por ser mulher e pobre; já o rei Davi não foi punido de acordo com a lei da Igreja.

A traição feminina consistia na violação do contrato matrimonial; no “roubo da honra”. A mulher era punida com a morte, a não ser que o amante fosse de uma classe social superior à do marido. Quando isso acontecia, ela era perdoada em favor do matrimônio e o amante, apenas degredado.

Quando o homem traía a esposa, mesmo que publicamente, estava-se diante de uma desordem que, no entanto, não atingia a integridade do matrimônio, visto que o adultério era um elemento de alto poder desorganizador na circulação dos patrimônios, uma vez que as mulheres eram tidas como mercadorias, usadas para obter vantagens, e o casamento, geralmente, visava o aumento de terras. A esse tipo de traição dava-se o nome de “mancebia”, que era visto como um mal menor, o que permite perceber que a desigualdade entre os sexos, na sociedade patriarcal, envolvia, principalmente, questões ligadas ao poder econômico.

Desde o estágio primordial da formação das sociedades, o adultério constitui-se num assunto polêmico, principalmente no que diz respeito à imagem da mulher; da esposa. Esse tema foi tratado, com muita rigidez, por algumas civilizações. Na antiga Babilônia, as mulheres eram privadas de um dos olhos para que só pudessem ver o seu amo e senhor. No Egito, a mulher que traía tinha o seu nariz mutilado e a morte era reservada para o seu amante. Já na Índia, a adúltera era devorada por cachorros em praça pública. Porém, na cidade de Esparta, a traição conjugal era vista com naturalidade e praticada de forma legal, por homens e por mulheres.

A literatura medieval, geralmente, não revela com precisão a vida ou as aspirações femininas pela intensa preocupação em fornecer um retrato de como elas deveriam ser, visto a sociedade laica ter absorvido o discurso clerical e, principalmente, pelo fato de muitos escritores serem religiosos ou a eles estarem estreitamente ligados por laços de parentesco. Nesse sentido, tais aspectos pesaram imensamente na elaboração da imagem feminina, principalmente baseados na *Bíblia*.

A mulher virtuosa é a coroa do seu marido, mas a que procede vergonhosamente é como apodrecimento nos seus ossos. (Pv 12.4)

Melhor é morar num canto de umas águas-furtadas do que com a mulher rixosa numa casa ampla. (Pv 25.24)

Analisando a literatura medieval sob um olhar destituído dos valores e juízos que as espelham, verificam-se, através da análise sócio-histórica-religiosa e literária, os modelos idealizados para a figura feminina. Segundo Duby e Perrot (1995), muitos clérigos preocupavam-se em redigir normas de comportamento para as mulheres medievais. Alão de Lille (1128 – 1203), um intelectual do século XIII, frequentemente dirigia seus sermões para as virgens, as viúvas e as mulheres casadas. Além dessas, freiras e serventes também constituem o público dos pregadores Tiago de Vitry (+1221) e Gilberto de Tournai (1207 – 1284). Vicente de Beauvais (1190 – 1264) e Guilherme Peraldo (+1270) preocupam-se em orientar as meninas da corte para os futuros papéis de mulheres, viúvas ou virgens consagradas. João de Gales, um padre franciscano, redige um compêndio moral onde se dirige às mulheres casadas, às viúvas e às virgens.

Tiago de Varazze, um dominicano, volta-se às mulheres e às mães em seus sermões e em suas crônicas de Gênova. O leigo Felipe de Novara (1605 -1665) redige uma série de normas e condutas para as meninas, mulheres jovens, mulheres de meia idade e para as velhas (DUBY; PERROT, 1995).

Após tantas normas, conselhos e adver-

tências, o dominicano Humberto de Romans (1194-1277) afirma ser necessário dirigir-se de maneira diferente aos diversos tipos de mulheres. Ele separava as mulheres em diversas categorias: as religiosas, distintas entre beneditinas, cistercienses, dominicanas, franciscanas, humilhadas, agostinianas, meninas que vêm a ser educadas nos conventos e beguinas, e as leigas, diferenciadas em nobres, burguesas ricas, meninas, servas em casa de famílias ricas, mulheres pobres que habitam em pequenas aldeias do campo e meretrizes.

2 “JOGA PEDRA NA GENÍ”: AS IDIOSINCRASIAS DE GÊNERO NO IMAGINÁRIO OCIDENTAL, SUAS EXPRESSÕES CULTURAIS E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Tendo em vista a consciente apropriação da misoginia pela Igreja no mundo medieval e o acúmulo cultural e ideológico que esse procedimento aporta à atualidade, torna-se relevante refletir como que tais concepções respaldam comportamentos rotineiros de violência contra a mulher em torno da defesa de uma “honra” especificamente masculina. Façamos isso com um pé na literatura – do cordel de Manoel Monteiro à lírica de Chico Buarque – outro pé na sociologia dos dados e reflexões sobre a violência doméstica contra a mulher e a mente voltada às pontuações que esses historiadores medievalistas nos trazem acerca da história e que Michel Foucault aborda filosoficamente em torno da sexualidade.

Em sua obra, *história da sexualidade: o uso dos prazeres*, Foucault (1998, p. 131) ao falar do antigo matrimônio (cujo nome já denuncia a ligação desse acontecimento social com a maternidade), coloca que:

O *status* familiar e cívico da mulher casada lhe impõe as regras de uma conduta que é a de uma prática sexual estritamente conjugal. [...] Quanto ao marido, ele é limitado, em relação à sua mulher, a um certo número de obrigações, mas ter relações sexuais a não ser com sua esposa legítima não faz parte, de modo algum, de suas obrigações.

A mulher adúltera passa então, ainda segundo Foucault, a evidenciar uma economia dos prazeres sexuais sob um ponto de vista feminino, ferindo a noção de virilidade de seu cinjuge que deveria, então, suprir esses desejos e, assim, ferindo sua virilidade, fere também algo anexo à ela que é a noção de “honra”. Nesse instante que há a punição corporal da mulher, do apedrejamento público à violência doméstica privada.

Essa dualidade entre a mulher casta e a mulher adúltera perpassa os séculos e ainda reverbera nas expressões artísticas de cunho popular. No cordel, a grande maioria das obras apresenta a mulher de forma depreciativa, mas contrapõe esta a castidade, único elemento que, se ligado à mulher, transforma-a de pecadora em santa.

Esse pensamento de boa esposa foi sendo disseminado ao longo dos tempos, através da mentalidade coletiva, fruto da hibridação de vários substratos mentais, e o poeta popular assimilando esse modelo, dissemina-o através de sua arte. No cordel *A mulher de antigamente e a mulher de hoje em dia*, Manoel Monteiro (2006) traça um panorama entre as respectivas imagens construídas, desde o medievo à contemporaneidade, apresentando as características e as qualidades e defeitos desta e daquela. O exame da “mulher” de antigamente como modelo ideal, em contraste com o comportamento da “mulher” de hoje em dia, mais ativa e, por isso, ameaçadora da ordem e da moral, tem como fim exibir uma perspectiva de valorização, do ponto de vista patriarcal e conservador.

O cordelista retrata a criação do mundo da mesma forma que o Gênesis bíblico, apresentando uma figura feminina desajuizada, propensa à maldade. Percebe-se nas estrofes citadas a idéia da mulher ligada ao mal, pondo o homem a perder, bem como a participação do demônio no episódio do pecado original. Os vocábulos “maçã”, “mulher” e “serpente”, na estrofe citada, são construções metafóricas que simbolizam o desequilíbrio, a instabilidade e o declínio do homem. Os três elementos denotam a maldição lançada por Deus, em consequência do pecado feminino.

Contrapondo a mulher do paraíso, o poeta apresenta algumas características que, de acordo com a moral cristã, condizem com o exemplo de boa esposa que deve ser seguido.

Naquele tempo a mulher
Era um ser quase divino
Vivia para o marido
E pra fazer menino,
Mulher não falava grosso
Homem não falava fino. (MONTEIRO, M.,
2006, p. 04-05)

A mulher honesta referida pelo poeta, hoje em dia, tem uma postura tão diferente das outras mulheres que passa a ser anormal. Ele aproxima a mulher do divino, retratando o que a Igreja orientava para as mulheres “de bem”, registra a submissão feminina e evidencia a principal função da mulher: a maternidade. Através dessas estrofes, percebe-se o imaginário cristão acerca da boa mulher arraigada ao imaginário popular. Com a instituição do casamento pela Igreja, a partir do século XI, a maternidade e o papel da boa esposa ganharam relevância. E mais tarde, em 1943, o papa Pio XII reforça esses preceitos.

Ora, o ofício da mulher, sua maneira, sua inclinação inata, é a maternidade. Toda mulher é destinada para ser mãe. A este fim o Criador ordenou todo o ser próprio da mulher, seu organismo, mas também seu espírito e, sobretudo, sua especial sensibilidade, de modo que a mulher, verdadeiramente tal, não pode de outro modo ver nem compreender a fundo todos os problemas da vida humana, senão com relação à família. (LEÃO, 2007).

As representações da mulher e do feminino em solo brasileiro, apesar da origem partilhada entre as culturas indígenas, africanas e europeias, não escondem a supremacia dos ideais cristãos sobre a boa mulher: a mãe, a rainha do lar, a esposa calada; e sobre a mulher má: a que tenta, a que rebola, a que fala, cristalizada, pois o cordelista, quando descreve a mulher de hoje, ele apresenta os problemas sociais e econômicos provocados por ela, videntes na sociedade moderna, atualizando os substratos mentais, oriundos do medievo.

Em toda repartição
Tem uma mulher mandando,
Elas estão assumindo
Todos os postos de mando E enquanto isso no
lar
Tem uma mulher faltando.
[...]
Hoje, a coisa é diferente
A mulher tem liberdade
Até já trabalha fora!
É uma temeridade
A continuar assim
Vai-se a nossa autoridade (MONTEIRO, M.,
2006, p. 03; 06)

Dessa forma, apenas falar do contato do povo europeu com os povos da pré-história brasileira como formadores da imagem feminina hodierna, remanescente no cordel, é ilusório, pois tais representações vão ter seu apogeu na Idade Média. Essa imagem estigmatizada das personagens femininas do cordel em questão nos foi legada pelo processo de longa duração da mentalidade misógina medieval de forma cristalizada, ratificando a circularidade cultural.

Outra figura bastante conhecida que traz aqui consigo a ideia de legitimação da mortificação e humilhação em torno de práticas de desejo é Gení, da canção de Chico Buarque de Holanda. Nessa música, Chico dialoga evidentemente com o conto de fins do século XIX Bola de Sebo, do francês Guy de Maupassant. Bola de Sebo e Geni, embora submetidas à realidades díspares, enfrentam o crivo popular acerca de suas práticas. Entende-se tratar de mulheres dadas às vicissitudes do desejo sexual alheio, no caso de Geni sem qualquer distinção de gênero.

Essa descrição, feita no início da música, dá o tom de suas práticas de mulher lasciva:

De tudo que é nego torto
Do mangue e do cais do porto
Ela já foi namorada.
O seu corpo é dos errantes,
Dos cegos, dos retirantes;
É de quem não tem mais nada.

Dá-se assim desde menina
Na garagem, na cantina,
Atrás do tanque, no mato.
É a rainha dos detentos,
Das loucas, dos lazarentos,
Dos moleques do internato.
E também vai amiúde
Coos os velinhos sem saúde

E as viúvas sem porvir.
Ela é um poço de bondade
E é por isso que a cidade
Vive sempre a repetir. (BUARQUE, 1979, não
paginado)

Essa “bondade” traz então seu julgamen-
to que vem a seguir:

Joga pedra na Geni!
Joga pedra na Geni!
Ela é feita pra apanhar!
Ela é boa de cuspir!
Ela dá pra qualquer um!
Maldita Geni! (BUARQUE, 1979, não paginado)

Surge então a mortificação da mulher
que leva uma vida promíscua, permitida e en-
corajada no caso histórico do gênero oposto.
Contudo, eis que se segue na saga de nossa
heroína o fato de surgir no céu um “zepelim
prateado” que rapidamente, com dois mil ca-
nhões abriu dois mil buracos em sua cidade!
Com a gente toda apavorada, certa de seu fim,
desce o comandante e diz que cessa fogo, se
Gení for sua por uma noite. Nossa heroína se
recusa, prefere se deitar com os bichos e coloca
o povo, que antes à apedrejava prostrado em
súplicas:

A cidade em romaria
Foi beijar a sua mão:
O prefeito de joelhos,
O bispo de olhos vermelhos
E o banqueiro com um milhão.

Vai com ele, vai Geni!
Vai com ele, vai Geni!
Você pode nos salvar!
Você vai nos redimir!
Você dá pra qualquer um!
Bendita Geni! (BUARQUE, 1979, não paginado)

Gení, nosso “poço de bondade” sucum-
be à súplica de seu antigos juízes/capatazes e
deita-se com o capitão.

Entregou-se a tal amante
Como quem dá-se ao carrasco.
Ele fez tanta sujeira,
Lambuzou-se a noite inteira
Até ficar saciado
E nem bem amanhecia
Partiu numa nuvem fria
Com seu zepelim prateado. (BUARQUE, 1979,
não paginado)

Salvadora da pátria, Gení se virou para o
lado “e tentou até sorrir”, crente de que agora
seria encarada de outra forma pelos concida-
dãos que terminam a agradecendo da seguinte
maneira:

Joga pedra na Geni!
Joga bosta na Geni!
Ela é feita pra apanhar!
Ela é boa de cuspir!
Ela dá pra qualquer um!
Maldita Geni! (BUARQUE, 1979, não paginado)

Geni acaba apedrejada, por ser entregue
ao seu corpo. Sua pena por sua escolha de vida
é o solfejo de eterna condenação social. A po-
lítica da mortificação à mulher lasciva vai ser
recorrente na vida real, longe da ludicidade
poética de Chico Buarque ou do humor dos
cordelistas. A prostituta então aparece como a
mulher com maiores possibilidades de sofre-
rem violências diversas.

A moral em torno dessa prática também
vem, igualmente ao caso do adultério, da imo-
lação do desejo. E isso não se dá, ao contrário
das ocorrências de violência em casos de adul-
tério, em camadas economicamente desfavo-
recidas e em países subdesenvolvidos.

Pesquisa realizada com prostitutas em
Leeds, na Inglaterra, Glasgow e Edimburgo, na
Escócia, revelou que 30% foram esbofeteadas
ou chutadas por um cliente, 11% foram estu-
pradas e 22% sofreram tentativa de estupro,
dessas, somente 34% denunciaram à polícia.
(KRUG et al, 2002 *apud* MOREIRA; MON-
TEIRO, 2012)

No caso da violência doméstica a im-
punidade por falta de denúncia é ainda pior.
Como aponta um estudo quantitativo realiza-
do por Rangel e Oliveira (2010, p. 14):

[...] destacam-se nessa categoria [violência do-
méstica] o autoritarismo, a personalidade e o
comportamento agressivo e possessivo do agres-
sor, bem como o descontrole emocional, trans-
tornos mentais e problemas psiquiátricos, pro-
blemas de relacionamentos, como: a traição, a
suspeita de infidelidade.

E os resultados evidenciam que apesar da
ampliação da legislação que protege e assegura
o direito das mulheres acometidas pela violên-

cia na sociedade, o medo, ainda, predomina e permanece coibindo os registros de ocorrências e os exames de corpo delito. (RANGEL; OLIVEIRA, 2010, p. 14)

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos inferir, após essa breve demonstração conceitual, que tais lógicas de gênero ocidentais advindas das culturas cristãs respaldam de certa maneira uma política de aceitação da violência contra a mulher, em diferentes naturezas e determinantes. Essas bases lógicas de um imaginário notadamente sexista revelam-se ainda muito presentes em nossa sociedade, testemunha disso é o fato de uma lei que ampara a mulher contra a violência doméstica (11.340) ter sido incorporada à Constituição Federal somente em 2006, com muita articulação e pressão popular, encabeçada pela biofarmacêutica cearense Maria da Penha Maia Fernandes, que deu nome à lei e que sofreu agressões domésticas das mais variadas por mais de seis anos, levando-a permanentemente à cadeira de rodas.

Num contexto de inúmeras e incríveis revoluções tecnológicas, em que se cogita a estruturação de uma colônia humana em Marte, em que novos dispositivos diversos são lançados todos os dias desafiando nossa compreensão de tecnologia, certas noções nos mantêm primitivos em nossas práticas sociais. Eis aqui uma: a de que somos diferentes em gênero por motivos criacionistas e por isso merecemos tratamentos diferentes. Enquanto houver esse tipo de lógica pairando sobre nossas cabeças, como zepelins de chumbo prateados, não haverá um cenário humano que possa ser chamado de desenvolvido.

A reportagem do jornal *O Povo* constata justamente o fato da lei Maria da Penha – dispositivo legal protetor da mulher em caso de violência doméstica – não reduziu a incidência dessa prática.

A Lei Maria da Penha não conseguiu impactar nas estatísticas de assassinatos de mulheres no Brasil. A conclusão é de estudo divulgado ontem

pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Segundo o documento, mesmo com a legislação, criada em agosto de 2006, milhares de mulheres continuam sendo mortas violentamente no País: a taxa era de 5,41 óbitos por 100 mil mulheres em 2001. Em 2011, passou para 5,43.

A pesquisa indica ainda que a cada 1h30min, entre 2009 e 2011, uma mulher foi morta no Brasil. No Ceará, nesse mesmo período, foram 684 feminicídios. Em 2012, segundo a assessora da Coordenadoria de Políticas Especiais para a Mulher, Yanae Melo, 197 mulheres foram assassinadas no Estado.

A defensora pública Elizabeth Chagas, do Núcleo de Enfrentamento à Violência contra a Mulher da Defensoria Pública do Estado (Nudem), diz que a lei trouxe “muitos avanços”. “As formas de violência doméstica e familiar foram definidas, instituíram-se medidas protetivas valiosas, ficaram proibidas penas de prestações pecuniárias, não mais se considera a violência contra mulher como crime de pequeno e médio potencial ofensivo, tratado em juizados especiais”, detalha. (LAZARI; AGUIAR, 2013, não paginado)

Segundo a reportagem, é preciso agora estabelecer políticas públicas que garantam às mulheres o cumprimento da lei. No Ceará, só existem duas varas e sete delegacias especializadas; em Fortaleza, apenas dois defensores públicos - números insuficientes para a demanda.

Faz-se necessário fortalecer a rede de atenção às mulheres. “O que se percebe é o impacto de uma mudança de cultura que vem se instituindo pouco a pouco a partir da lei. Governo e sociedade civil precisam fortalecer essa rede”. (LAZARI; AGUIAR, 2013, não paginado)

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Edições Paulinas, 2005.

BUARQUE, C. Gení e o zepelim. In: _____. **Ópera do malandro**. [S.l.]: Poligram; Philips, p1979. 2 discos sonoros. disco 02, lado A, faixa 05.

CAMPBELL, J. **As máscaras de Deus**: mitologia ocidental. São Paulo: Palas Athena, 2004.

DUBY, G.; PERROT, M. Escrever a história das mulheres. In: _____.; _____. (Dir.). **História das mulheres no ocidente**. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil. 1995. v. 2.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FRANCO JÚNIOR, H. **A idade média**: nascimento do ocidente. São Paulo: Brasiliense, 2002.

KLAPISCH-ZUBER, C. Masculino/Feminino. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J. C. **Dicionário temático do ocidente medieval**. Bauru: EdUSC, 2000

LAZARI, M.; AGUIAR, S. R. **Mesmo com lei, violência persiste**. 2013. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2013/09/26/noticiasjornalcotidiano,3136302/mesmo-com-lei-violencia-persiste.shtml>>. Acesso em: 25 out. 2013.

LEÃO, A. V. **Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o sábio**: aspectos culturais e literários. São Paulo: Linear B; Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2007.

MOREIRA, I. C. C. C.; MONTEIRO, C. F. S. A violência no cotidiano da prostituição: invisibilidades e ambiguidades. **Rev. Latino-Am. Enferm.** Ribeirão Preto, v. 20, n. 5, out. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692012000500018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 out. 2013.

MONTEIRO, M. **A mulher de antigamente e a mulher de hoje em dia**. Campina Grande: Gráfica Martins, 2006.

RANGEL, C. M. F. R. B. A.; OLIVEIRA, E. L. Violência contra a mulher: um problema de saúde e políticas públicas. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 17., 2010. Caxambu. **Anais...** ABEP, Belo Horizonte, 2010. p. 01-20.